



Research, Society and Development
ISSN: 2525-3409
ISSN: 2525-3409
rsd.articles@gmail.com
Universidade Federal de Itajubá
Brasil

As vozes da epidemia de sarampo de 2019 no Brasil

Carvalho de Souza Amorim Matos, Camila

As vozes da epidemia de sarampo de 2019 no Brasil

Research, Society and Development, vol. 8, núm. 12, 2019

Universidade Federal de Itajubá, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=560662203031>

DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v8i12.1731>



Este trabalho está sob uma Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0.

As vozes da epidemia de sarampo de 2019 no Brasil

The voices of 2019 measles epidemic in Brazil

Las voces de la epidemia de sarampión de 2019 en Brasil

Camila Carvalho de Souza Amorim Matos
camila.carvalho@ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

 <http://orcid.org/0000-0002-8395-4875>

Research, Society and Development, vol.
8, núm. 12, 2019

Universidade Federal de Itajubá, Brasil

Recepção: 25 Setembro 2019

Revised: 02 Outubro 2019

Aprovação: 07 Outubro 2019

Publicado: 15 Outubro 2019

DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v8i12.1731>

Redalyc: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=560662203031>

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar que atores sociais foram ouvidos pela mídia na cobertura da epidemia de sarampo de 2019 no Brasil. Trata-se de estudo qualitativo baseado em pesquisa documental, na qual se avaliou 50 notícias resultados das buscas por 'sarampo' e 'sarampo e autismo' na ferramenta de busca Google Notícias. A pesquisa das notícias foi realizada em agosto de 2019. Observou-se predileção quase exclusiva pelas fontes oficiais e autoridades biomédicas. Poucas fontes independentes foram ouvidas. Os veículos deram preferência por discurso monofônico, mesmo quando se propuseram a debate com diferentes atores. Recorreu-se pouco aos cidadãos e indivíduos comuns. Conclui-se que a mídia, forte influenciadora da opinião popular e das políticas de saúde, pouco tem explorado a diversidade de atores sociais e, consequentemente, de suas vivências e perspectivas.

Palavras-chave: Mídia, Meios de comunicação, Saúde, Sarampo.

Abstract: This article aims to analyze the social actors involved in the media coverage of the 2019 measles coverage in Brazil. This is a qualitative study based on documentary research. Fifty news, results from searches for 'measles' and 'measles and autism' in the Google News search engine, were evaluated. News search was conducted in august 2019. Almost exclusive predilection was noted by official sources and biomedical authorities. Few independent sources have been heard. The vehicles gave preference to monophonic discourse, even when they proposed to debate with different actors. Little recourse was made to ordinary citizens and individuals. It is concluded that the media, a strong influencer of popular opinion and health policies, has little explored the diversity of social actors and, consequently, their experiences and perspectives.

Keywords: Media, Communications media, Health, Measles.

Resumen: El presente estudio tiene como objetivo analizar los actores sociales involucrados en la cobertura mediática de la cobertura de sarampión de 2019 en Brasil. Este es un estudio cualitativo basado en la investigación documental, en el que se evaluaron 50 resultados de noticias de búsquedas de 'sarampión' y 'sarampión y autismo' en el motor de búsqueda de Google News. La búsqueda de noticias se realizó en agosto de 2019. Las fuentes oficiales y las autoridades biomédicas observaron una predilección casi exclusiva. Se han escuchado pocas fuentes independientes. Los vehículos dieron preferencia al discurso monofónico, incluso cuando propusieron debatir con diferentes actores. Se recurrió poco a los ciudadanos comunes. Se concluye que los medios de comunicación, una gran influencia de la opinión popular y las políticas de salud, han explorado poco la diversidad de los actores sociales y, en consecuencia, sus experiencias y perspectivas.

Palabras clave: Medios, Medios de comunicación, Salud, Sarampión.

1. Introdução

As narrativas da mídia têm importante papel na construção de sentidos nos mais diversos acontecimentos da vida humana. Mais que isso, a mídia influencia fortemente a opinião popular e a definição de que temáticas são relevantes, refletido na relação estabelecida entre agenda midiática e agenda pública (Brasil & Capella, 2015). A definição de políticas públicas é marcada por disputa entre diversos atores, cada um com diferentes demandas, sendo a mídia um desses sujeitos (Souza, 2006).

Quando se trata da relação entre mídia e saúde, o quadro não é diferente: os meios de comunicação têm grande poder sobre o que será veiculado à população, especialmente quando se está diante de uma epidemia, momento no qual a sociedade anseia por informações (Rangel-S, 2003). A forma como um acontecimento é veiculado pela grande mídia pode ter efeito tanto informativo quanto alarmante sobre a opinião popular, influenciando-a diretamente (Villela & Natal, 2014).

A noção de enquadramento, ou seja, de que forma as narrativas serão contadas, dialoga diretamente com a ideia de que o jornalismo é um discurso representativo da vida humana e, portanto, deve representá-la em sua diversidade de vivências (Sousa, 2008). Assim, essas narrativas devem ser polifônicas, garantindo que haja inclusão discursiva, ouvindo diferentes atores sociais, para que a comunicação em saúde seja efetiva e representativa da sociedade brasileira (Brasil, 2007).

Em 2018, o Brasil assistiu ao recrudescimento do sarampo, doença infecciosa causada por vírus, que estava erradicada do país desde 2016 (Zorzetto, 2018). Despontaram notícias nos mais diversos veículos de comunicação. Em meados de 2019, teve início uma epidemia da doença, com grande amontoe de notícias sendo veiculadas diariamente, abordando confirmações de casos e orientações sobre a vacinação.

Este artigo tem, portanto, o objetivo de avaliar criticamente que atores sociais estão sendo ouvidos na cobertura midiática da epidemia de sarampo de 2019 no Brasil.

2. Metodologia

Este estudo qualitativo, com base em pesquisa documental, avaliou notícias publicadas durante a epidemia de sarampo de 2019 no Brasil. As notícias foram buscadas na ferramenta de pesquisa Google Notícias, tendo em vista sua popularidade dentre os usuários comuns da internet. A pesquisa foi realizada em agosto de 2019, a partir de duas buscas: a primeira, utilizando-se o termo 'sarampo'; e, a segunda, utilizando-se os termos 'sarampo' e 'autismo'. Os motivos para a escolha desses termos foram: a busca com termos simples e não-técnicos aproxima-se de uma busca feita por um indivíduo leigo; o uso de perguntas completas, como "a vacina do sarampo causa autismo?" influenciaria os resultados; e a escolha por buscar 'sarampo' e 'autismo' se deu pelo fato de esta relação ser uma das dúvidas mais apresentadas pela população, segundo o canal 'Saúde Sem Fake News' do Ministério da Saúde (Istoé, 2019). Os 40 primeiros

resultados da busca por ‘sarampo’ e os 10 primeiros resultados da busca por ‘sarampo’ e ‘autismo’ foram compilados em uma planilha com ordem, manchete, data de publicação e sítio eletrônico. As notícias podem ser consultadas no Quadro 1. Ao longo do manuscrito, as notícias serão referenciadas entre parênteses de acordo com seu número de ordem de aparecimento, podendo ser conferidas no quadro.

[illegible]

Alguns cuidados foram tomados anteriormente à busca: todo o histórico do computador utilizado foi apagado, incluindo contas pareadas que estivessem conectadas a outros aparelhos eletrônicos, de maneira a evitar viés nas buscas devido a buscas anteriores. A busca foi realizada no modo anônimo, o computador foi configurado na língua portuguesa, não foi fornecida a localização do computador a nenhum dos sites que a solicitou.

A técnica empregada para análise das notícias avaliadas foi a análise de conteúdo. Esse método tem sua origem no âmbito da comunicação, como uma forma de analisar os conteúdos produzidos pela imprensa, permitindo obter indicadores e inferências quanto à produção e recepção dessas mensagens. Seguiu-se os passos de categorização, inferência, descrição e interpretação (Deslandes & Gomes, 2015).

Esta pesquisa não contou com financiamento externo. O manuscrito não apresenta resultado de pesquisa com seres humanos, dispensando assim aprovação em Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

3. Resultados e discussão

As notícias avaliadas se utilizaram de diversos interlocutores, sendo estes, em sua grande maioria, profissionais da área da saúde ou gestores do Sistema Único de Saúde (SUS), como representantes das Secretarias de Saúde ou dos setores de vigilância epidemiológica. Observou-se ainda a busca por presidentes de sociedades médicas, como foi o caso da Sociedade Brasileira de Imunizações e da Sociedade Paulista de Infectologia (13; 41); da Associação Espanhola de Estudos das Vacinas (40); e do Comitê de Imunizações da Sociedade Brasileira de Infectologia (46). Enquanto representantes institucionais, também foram consultadas a coordenadora do Programa Nacional de Imunização do Brasil (46) e a chefe de Saúde e Desenvolvimento infantil do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) no Brasil (46).

As fontes no jornalismo podem ser classificadas quanto à sua natureza em: fontes oficiais, aquelas que representam direta ou indiretamente o Estado; fontes oficiosas, aquelas que tem vínculo com o Estado, porém não são as autorizadas a falar; e fontes independentes, que não ocupam posição de poder no cenário em questão (Lage, 2001). Nas notícias aqui avaliadas, é clara a predileção pelas fontes oficiais e a omissão de outras fontes, principalmente as independentes.

Segundo Araújo (2004), o espaço comunicativo é pré-definido, havendo regras pré-estabelecidas sobre quem pode falar e o que pode ser falado. A distinção social define e é definida pela competência linguística de cada interlocutor. Assim, alguns detêm essa competência e outros são “despossuídos” do que é necessário para ser uma fonte interlocutora.

Dentre os médicos consultados, as especialidades mais ouvidas foram a Pediatria (13, 41, 20, 42, 06) e a Infectologia (17, 18, 35, 42, 50). Uma notícia consultou outro profissional da área –biólogo (48). Além dos médicos, nenhuma outra categoria profissional da saúde foi consultada. Os epidemiologistas também foram consultados (40, 46). Dentre os

gestores, observou-se a participação de representantes das secretarias de saúde (36, 38) e de responsáveis pela Vigilância Epidemiológica (23, 16).

Uma matéria cita o estudo no qual baseou suas informações (11), com os dizeres “estudo publicado pela Universidade de Pittsburgh”. A matéria em questão também foi a única a referir seu interlocutor como “pesquisador”: “De acordo com David Sinclair, Ph.D, pesquisador de pós-doutorado e autor principal do estudo [...]”.

A primeira matéria a citar um paciente/indivíduo comum, curiosamente, o cita sem dar-lhe a palavra: “O empresário [nome retirado] levou a pequena [nome retirado], 11 meses, ao posto de vacinação. A filha se enquadra nos casos em que o Ministério da Saúde determinou a aplicação da chamada dose zero” (9). Araújo (2004), dissertando sobre as desigualdades na sociedade brasileira e sobre como as oportunidades de discurso também são desiguais, ressalta a importância da democratização das vozes no campo das narrativas das políticas públicas. Assim, os sentidos e significados das vozes “periféricas” também comporiam a construção das narrativas (Aoki, 2012).

Apesar de diversas matérias apontarem a não-vacinação como fator principal para o atual surto de sarampo, poucas ouviram os indivíduos que de fato afetam e são afetados por todo o cenário: as pessoas comuns. Observa-se pouco espaço para escuta dos cidadãos, seja daqueles que hesitam à vacinação ou dos que encontram dificuldades para se vacinar.

Poucas matérias procuraram efetivamente compreender as razões pelas quais algumas pessoas optam pela não-vacinação. Apenas uma das 50 matérias avaliadas ouviu um interlocutor que refuta/hesita à vacinação (50). Esta notícia traz um panorama curioso entre os convidados/entrevistados: apesar da pretensa diversidade na escolha dos atores (um médico infectologista, um adolescente pró-vacina e uma mulher/mãe com resistências e dúvidas quanto à vacinação), os três apresentam algo em comum. O jovem pró-vacina refere quase ter morrido graças à meningite, depois da qual teve os quatro membros amputados. A mulher/mãe hesitante à vacinação refere que seu filho “pegou coqueluche e quase morreu”, situação que a levou a regularizar todo o calendário vacinal da criança. Por fim, o médico infectologista afirma que as doenças evitáveis por imunização “são doenças graves que matam. Febre amarela mata, o sarampo mata, a difteria mata, a coqueluche mata”. Observa-se, mesmo na narrativa que se propõe a debater diferentes pontos de vista, um discurso único ao final: todos os convidados dizem, na verdade, o que o veículo gostaria que fosse dito.

Quanto às pessoas que desejam se vacinar, porém encontram barreiras para tal, apenas duas matérias ouviram pessoas com dificuldades de acesso aos serviços de saúde –outra causa importante da queda da cobertura vacinal (27, 33). Essas notícias se destacam por dar voz aos indivíduos que experimentam, na vida real, a busca pelas vacinas. Uma delas, na capital pernambucana, entrevistou mulheres que estavam nos postos de saúde da região metropolitana de Recife em busca de vacinas para os filhos:

A professora de educação infantil [nome retirado], 38 anos, desistiu de frequentar o posto dos Bultrins: “Ora falta vacina, ora falta material”. [...] Ir ao posto de Ouro

Preto era sinônimo de tempo perdido, como dizia a autônoma [nome retirado], 34. “Eu só venho aqui em último caso, porque nunca tem nada. Agora vou lá no posto do Carmo”, reclamou. (27)

A outra matéria que ouviu a população sobre suas dificuldades de acesso foi a intitulada “População lota postos em busca por vacina contra sarampo no ES”:

O relato dos pacientes em Vila Velha, porém, é de dificuldade nas unidades de saúde para conseguir a vacina. [...] “Anteontem (terça-feira) vim aqui. Não tinha mais senha e decidimos vir hoje mais cedo. Acordamos 4h30 e chegamos aqui às 5h30” contou Vagner. [...] No início da semana, ela chegou ao posto às 10 horas e já não tinha mais senha. “Se não chegar cedo, não consegue não. Daqui a pouco começa a chegar muita gente e fica pior” reclama.

Os meios de comunicação podem orientar que domínios políticos merecem maior atenção. Assim, a agenda da mídia influencia na decisão sobre quais problemas sociais são hierarquicamente superiores a outros, dando maior visibilidade para uns em detrimento dos demais (Soroka et al, 2012). Nas narrativas aqui avaliadas, observa-se a atenção voltada quase que unicamente para a responsabilidade individual de se vacinar. Há pouca ou nenhuma abordagem das questões sociais imbricadas no processo de queda da cobertura vacinal, seja as relacionadas ao acesso –como os horários de funcionamento das Unidades Básicas de Saúde, seja as relacionadas às questões socioeconômicas. Nenhuma das matérias avalia as políticas de saúde que vêm na perspectiva de desmonte da Atenção Básica e da Estratégia de Saúde da Família, como é o caso da Política Nacional de Atenção Básica 2017 (PNAB 2017). A mesma, dentre outros retrocessos, retira o Agente Comunitário de Saúde da equipe mínima –profissional responsável pela busca ativa na comunidade (Morosini, Fonseca & Lima, 2018). Importante ressaltar, ainda, que os profissionais da Atenção Básica, porta de entrada do Sistema Único de Saúde e grande responsável pela oferta descentralizada de vacinas, não foram ouvidos nas narrativas encontradas.

Compatível com o que se observou nesta pesquisa, Araújo (2004) ressalta que a circulação da informação é desigual, havendo uma assimetria do poder discursivo, ou seja, quem consegue ser ouvido é quem detém o poder de comunicação. Bueno (1996), ao traçar um perfil da comunicação para a saúde no Brasil, aponta como uma de suas características o que chama de ‘legitimação do discurso da competência’. Ela coloca o chamado especialista como a única fonte legítima e confiável, detentora do conhecimento técnico, descartando outras falas e, conseqüentemente, descartando também a experiência popular e as vivências do indivíduo comum.

Ressalta-se que a predileção por fontes oficiais (do governo e biomédicas) não é, sobremaneira, um problema. Muito pelo contrário, em se tratando de questões relacionadas à saúde e, principalmente, de situações de epidemia, essas fontes são de grande valia e confiabilidade. O que se analisa criticamente neste estudo é, primeiramente, que um ator seja porta-voz único do cenário, desperdiçando a oportunidade valiosa da diversidade de vivências. E, em segundo lugar, analisa-se também que

a ausência de outras vozes, quase que desautorizadas em detrimento do discurso técnico-científico, torna a narrativa monofônica, colocando este discurso na posição de inquestionável e autorizado, passível de determinar as condutas pessoais do indivíduo (Citelli, 2002).

4. Conclusão

Conclui-se, a partir das notícias aqui analisadas, que poucos atores sociais têm sido envolvidos na produção de narrativas da epidemia de sarampo de 2019 no Brasil. Há ampla predileção por fontes oficiais e pouca ou nenhuma representação dos grupos sociais que efetivamente definem o cenário epidemiológico do país: profissionais da assistência a nível de atenção primária, por exemplo, mas, principalmente, cidadãos e indivíduos comuns.

A mídia, forte influenciadora de diversos processos sociais, inclusive da definição de políticas públicas, precisa ser representativa da sociedade brasileira em sua diversidade de vivências. Seu poder de hierarquizar problemas sociais e cobrar ações governamentais deve, também e principalmente, servir aos interesses da população.

Referências

- Aoki, T. (2012). Comunicação em saúde: o que estamos discutindo?. In: *XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 2012. Fortaleza.
- Araújo, I. S. (2004). Mercado Simbólico: um modelo de comunicação para políticas públicas. *Interface (Botucatu)*, 8(14), 165-178.
- Brasil. (2007). *Ministério da Saúde*. Relatórios das oficinas de comunicação. Brasília-DF.
- Bueno, W. C. (1996). Comunicação para a saúde: uma experiência brasileira. São Paulo: Plêiade.
- Brasil, F.; Capella, A. C. (2015). O Processo de Agenda-Setting para os Estudos das Políticas Públicas. *RP3 - Revista de Pesquisa em Políticas Públicas*, 1(1), 41-63.
- Citelli, A. (2002). Linguagem e persuasão. São Paulo: Editora Ática.
- Deslandes, S. F.; Gomes, R. (2015). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Minayo, M. C. S. (Org.). Petrópolis: Vozes.
- Istoé. (2019). Em um ano, ministério respondeu a 11,5 mil dúvidas sobre saúde. Retrieved september 04, from <https://istoe.com.br/em-um-ano-ministerio-respondeu-a-115-mil-duvidas-sobre-saude/>
- Lage, N. (2001). *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record.
- Morosini, M. V. G. C.; Fonseca, A. F.; Lima, L. D. (2018). Política Nacional de Atenção Básica 2017: retrocessos e riscos para o Sistema Único de Saúde. *Saúde debate*, 42(116), 11-24.
- Rangel-S, M. L. (2003). Epidemia e mídia: sentidos construídos em narrativas jornalísticas. *Saúde e Sociedade*, 12(2), 5-17.

- Soroka, S.; Farnsworth, S.; Lawlor, A.; Young, L. (2013). Mass media and policy - making. In Araral, E; Fritzen, S; Howlett, M.; Ramesh, M.; Xun, W. (eds) *Routledge Handbook of Public Policy*. London: Routledge.
- Sousa, J. P. (2008). Uma história breve do jornalismo no ocidente. In *Jornalismo, história, teoria e metodologia – perspectivas luso brasileiras*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Souza, C. (2006). Políticas Públicas: uma revisão da literatura. *Sociologias*, 16, 20-45.
- Villela, E. F. M.; Natal, D. (2014). Mídia, saúde e poder: um jogo de representações sobre dengue. *Saúde e Sociedade*, 23(3), 1007-1017.
- Zorzetto, R. (2018). As razões da queda na vacinação. *Pesquisa FAPESP*, 19(270), 19-24.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Camila Carvalho de Souza Amorim Matos – 100%